



# ANÁLISES TRANSLINGUÍSTICAS NA *ARS GRAMMATICA* DE DIOMEDES: OCORRÊNCIAS DE *CODE-SWITCHING* E *VTRAQUE LINGUA*<sup>1</sup>

---

TRANSLINGUISTIC ANALYSES OF DIOMEDES' *ARS GRAMMATICA*: OCCURRENCES OF *CODE-SWITCHING* AND *VTRAQUE LINGUA*

Eduardo Lacerda Faria Rocha<sup>2</sup>

Fábio da Silva Fortes<sup>3</sup>

*Universidade Federal de Juiz de Fora*

**Resumo:** Este trabalho consiste em uma breve análise da gramática de Diomedes (séc. IV d.C.), sob um ponto de vista sociolinguístico, acerca do bilinguismo greco-latino. Após estabelecer as contextualizações histórica e sociolinguística do texto sob análise, a fim de ilustrar a dinâmica da coexistência das línguas grega e latina na sociedade da época, situação que se reflete, de certo modo, em um texto gramatical antigo, apresentamos e avaliamos os indícios textuais e conceituais que parecem decorrer de um possível caráter de bilinguagem atribuível aos seus leitores. Entre esses fenômenos, destacamos como mais relevante a ocorrência de análises translinguísticas, seja através do oferecimento de explicações que aproximam as duas línguas (*utraque lingua*), seja através da alternância de códigos (*code-switching*) no texto da gramática de Diomedes.

Palavras-Chave: Gramática antiga; Diomedes; *Ars grammatica*; *Code-switching*; Latim.

---

<sup>1</sup> Este trabalho decorre da pesquisa de mestrado, intitulada *A ars grammatica de Diomedes: reflexos do bilinguismo greco-latino*, recém-concluída no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>2</sup> lacerda.edu@gmail.com

<sup>3</sup> fabiosfortes@yahoo.com.br

---

**Abstract:** *This article consists of a brief analysis from a sociolinguistic perspective of the Ars Grammatica of Diomedes (fourth century A.D.) concerning Greco-Latin bilingualism. After establishing the historical and sociolinguistic context of the text in order to illustrate the dynamics of the coexistence of Greek and Latin in contemporary society – a situation that is reflected to some degree in the ancient grammatical text – the textual and conceptual evidence that seems to be derived from bilingual characteristics attributable to its readers is presented and analyzed. The most relevant among these phenomena in the text of the Ars Grammatica of Diomedes is the occurrence of translinguistic analyses through explanations that bring the two languages closer (utraque lingua) or through the interchange between codes (code-switching).*

Keywords: *Ancient grammar; Diomedes; Ars grammatica; Code-switching; Latin.*

## INTRODUÇÃO

Os textos gramaticais latinos produzidos na Antiguidade Tardia, embora ainda pouco difundidos no Brasil, vêm adquirindo maior destaque enquanto objeto de pesquisa. Como aponta Pereira (2006, p. 15), o interesse pelos estudos linguísticos baseados nas obras dos gramáticos antigos parece crescer frente a um consenso entre os pesquisadores sobre a relevância de se aprofundar o estudo do pensamento greco-romano acerca da linguagem, a partir do qual se desenvolvem muitos dos temas pertinentes aos estudos linguísticos contemporâneos.

Com este artigo sobre a gramática de Diomedes, pretendemos oferecer mais uma contribuição no âmbito da Historiografia Linguística, mais precisamente na área correspondente à História da Gramática (SWIGGERS, 2013, p. 46), somando-se ao conjunto de trabalhos realizados recentemente no país sobre as obras de autores como Quintiliano (PEREIRA, 2006), Donato (DEZOTTI, 2011), Prisciano e Apolônio Díscolo (FORTES, 2012), Thomás de Erfurt (BECCARI, 2013), Santo Agostinho (FREITAS, 2016) e o próprio Diomedes (ROCHA, 2015).

Neste trabalho, pretendemos apresentar uma breve reflexão acerca da gramática latina de Diomedes, com data estimada entre 370 e 380 d.C. (LAW, 2003, p.66), a partir da edição constante dos *Grammatici Latini*, de Heinrich Keil (1855-1880 [1961]). A obra de Diomedes, provavelmente, foi publicada em Constantinopla, outrora “capital”<sup>4</sup> do Império Romano do Oriente (também

---

<sup>4</sup> Entendemos por “capital” a sede ou cidade principal do Império, onde se localizavam as instituições administrativas.

---

conhecido como Império Bizantino<sup>5</sup>), cuja população era, majoritariamente, helenofônica, estando o latim mais restrito às instâncias oficiais e suas respectivas atividades.

Nesse contexto, o ensino da língua latina, amparado didaticamente pelas gramáticas antigas, teria de enfrentar a barreira linguística advinda da falta de conhecimento e fluência do idioma romano por sujeitos que tinham como língua materna as variantes do grego faladas na região (ROCHETTE, 2014; YANES, 2014). Portanto, uma gramática de latim destinada à população da parte oriental do Império poderia apresentar peculiaridades em sua metalinguagem tendo em vista o seu público-alvo, que a tornaria, necessariamente, diversa em sua composição, em relação aos textos gramaticais latinos produzidos, na mesma época, no Ocidente, como a *Ars* de Donato.

A partir dessa pressuposição inicial, buscamos verificar se haveria, no *corpus* em questão, elementos textuais e técnico-gramaticais que pudessem representar possíveis reflexos do bilinguismo histórico da região em que foi publicada a obra do gramático. Posteriormente, ao fazer um levantamento de tais ocorrências, propusemos uma divisão em categorias linguísticas, que as distinguíssem de acordo com princípios teóricos modernos que definem, no âmbito da Sociolinguística, os diferentes fenômenos de bilinguagem (ROCHETTE, 1998; BIVILLE, 2004; SAVEDRA, 2009; SALGADO, 2009).

É necessário, porém, antes de abordar as ocorrências textuais, esclarecer o que entendemos por *reflexos* do bilinguismo, que seriam os elementos conceituais e textuais que, na composição da gramática de Diomedes, revelam um caráter facilitador na forma como a gramática foi organizada e redigida, levando em consideração o seu leitor helenofônico, e não exatamente a presença de duas línguas no texto da *ars Diomedis*.

## 1 O LATIM SEMELHANTE AO GREGO

Após uma análise dos três livros, estabelecemos uma tipologia que agrupa as ocorrências textuais e conceituais que sugerem a presença de reflexos do bilinguismo greco-latino no texto gramatical. De modo a ilustrar esse

---

<sup>5</sup> Sabemos que os termos “Império Romano do Oriente” e “Império Bizantino” são formulações extemporâneas ao período de Diomedes, alheias à percepção dos habitantes do século IV. Com efeito, os Constantinopolitanos consideravam-se simplesmente “romanos”. Para efeito meramente didático, porém, usamos eventualmente esses termos.

agrupamento, propusemos quatro macrocategorias que enquadram características e estratégias metalinguísticas na composição do texto de Diomedes, em cada uma delas, associamos doze tipos concretos de ocorrências que relacionam, de diferentes modos, as línguas grega e latina, conforme podemos ver no quadro abaixo (ROCHA, 2015, p. 69):

Quadro 1. Composição da análise a partir dos fenômenos observados

<b>1. A língua grega e sua relevância: citações e aspectos do grego como modelo para o latim</b>	Declinação de palavra grega (fugindo à regra latina ou por equiparação)
	Origem grega de palavra / Retomada do grego (para etimologia)
	Exemplo em grego
	Mesmo exemplo em ambas as línguas (tradução)
	Citação em grego
	Descrição significativa da língua grega
<b>2. Uso de terminologia gramatical greco-latina</b>	Terminologia em grego (latinizada)
	Terminologia em grego (próprio alfabeto)
	Comparação entre terminologia grega / latina
<b>3. A comparação entre o grego e o latim</b>	Comparação entre o grego e o latim (uso / elementos linguísticos)
<b>4. O latim semelhante ao grego</b>	<i>Vtraque lingua</i> : a mesma explicação gramatical para fenômenos codificados em ambas as línguas
	<i>Code-switching</i> : alternância de códigos (latim/grego) no mesmo contexto discursivo.

Podemos esclarecer, brevemente, o que representa cada uma das macrocategorias (à esquerda no quadro acima). A primeira delas, por exemplo, diz respeito ao caráter da língua grega enquanto modelo para as *artes grammaticae* latinas. A segunda, embora também empreenda uma retomada da língua grega, reúne o uso de terminologia grega que aparece na gramática de Diomedes, com o intuito de classificar determinados fenômenos linguísticos da língua latina. Esses termos estão presentes tanto em alfabeto grego quanto

---

transliterados para o alfabeto latino e, por vezes, são comparados pelo autor. Já a comparação entre as línguas se dá através de analogias de uso e da presença (ou ausência) de determinados fenômenos no grego e no latim, estratégia, provavelmente, adotada por Diomedes como mecanismo didático.

Na última categoria, vemos tanto o fenômeno do *utraque lingua*, quando o gramático deliberadamente aproxima as duas línguas, destacando-lhes as semelhanças ou oferecendo a mesma explicação gramatical para fenômenos nelas presentes, quanto o *code-switching*, que corresponde à alternância de códigos (do latim para o grego), que igualmente sugere levar em consideração um público certamente mais conhecedor de grego que de latim.

Ambos os fenômenos que compõem a quarta macrocategoria se enquadram naquilo que poderíamos chamar de “análises translinguísticas” (FORTES, 2014). Apresentaremos, então, na próxima seção deste artigo, as passagens do texto de Diomedes que remetem à ideia de *utraque lingua* (“uma e outra língua”, i.e. aquela aproximação que tinha por meta demonstrar o parentesco ou a identidade das duas línguas) e a alternância de códigos (*code-switching*), isto é, a livre inserção de sentenças em grego, por parte do autor, com o intuito de comparar ou exemplificar os temas por ele tratados.

## 2 ANÁLISES TRANSLINGUÍSTICAS

### 2.1 *Vtraque lingua*

Começaremos, primeiro, pelo exame dos trechos que correspondem à noção de *utraque lingua*, por conta do reduzido número de ocorrências encontrado no *corpus*. Conforme definido antes, por *utraque lingua* entendemos a ideia de conceber as estruturas e mecanismos linguísticos do grego e do latim como semelhantes, ou, até mesmo, considerar ambas as línguas como sendo a mesma<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Talvez a melhor consideração de *utraque lingua* seja aquela oferecida por Macróbio, o gramático, que afirmava que “a natureza deu às línguas grega e latina um parentesco muito próximo. Com efeito, com exceção do artigo, que somente a grega possui, uma e outra língua se caracterizam pelas mesmas partes da oração, assim como por quase todas as regras, figuras e construções, de forma que alguém que tiver aprendido qualquer uma das duas gramáticas, terá aprendido ambas.” (MACRÓBIO, *Diff.*, GL V, 599). Cf. *Graecae Latinaeque linguae coniunctissimam cognationem natura dedit. nam et isdem orationis partibus absque articulo, quem Graecia sola sortita est, isdem paene obseruationibus figuris constructionibus uterque sermo distinguitur, ut ‘propemodum qui utramuis artem didicerit ambas nouerit’.*

---

Os indícios presentes no discurso de Diomedes que associamos à ideia de *utraque lingua* parecem revelar uma atenção de Diomedes em relação ao seu leitor aprendiz de latim, cuja língua materna seria o grego. Podemos chegar a essa suposição, também, por conta da ostensiva presença da língua grega na gramática. Na verdade, de fato, a *ars Diomedis* foi escrita em latim e sua leitura, como já mencionamos, requer um conhecimento prévio mínimo da língua (SCHENKEVELD, 2007, p. 183).

Na *ars Diomedis*, identificamos apenas quatro passagens em que se supõe uma tentativa de aproximar as duas línguas. Diomedes, já na primeira seção de sua gramática, intitulada “sobre as partes da oração” (*De partibus orationis*), dentro da abordagem das orações latinas (*De oratione*), faz a seguinte afirmação:

Sobre as partes da oração - As partes da oração são oito: nome, pronome, verbo, particípio, advérbio, conjunção, preposição e interjeição. Os romanos não levam em conta o artigo; já os gregos, a interjeição.<sup>7</sup>

(DIOMEDES, I, 301)

Observamos, no trecho acima, a abordagem das oito partes da oração classificadas pelo gramático, que nos informa, também, duas “ausências” entre as partes: o artigo, na língua latina, e a interjeição, na língua grega. O que nos leva a considerar tal informação como uma estratégia de assimilar as línguas grega e latina, diminuindo as diferenças entre elas, é o emprego do verbo *adnumëro* (“contar com”, “incluir”): em vez de, simplesmente, dizer que o latim não possui artigos (o que tipologicamente, de fato, separa as duas línguas), Diomedes diz que, na gramática, os artigos não são contabilizados, enumerados; do mesmo modo que, na gramática grega, também não se enumeravam as interjeições entre as categorias (sendo que, evidentemente, os gregos também possuíam interjeições).

Mais adiante, ao final do mesmo livro, Diomedes volta à questão das interjeições na seção homônima, dizendo que “gregos puseram a interjeição em meio aos advérbios, e os Latinos a separaram [...]”<sup>8</sup> (I, 419). Nesse passo, Diomedes esmiúça, de certa forma, um pouco mais a ideia anteriormente apresentada, de que “os gregos não levam em conta as interjeições”. Os gregos, segundo o gramático, possuem interjeições, embora não as considerem como

---

<sup>7</sup> Todas as traduções de autores latinos presentes neste artigo são de nossa autoria. Oferecemos o texto latino para cotejo. Cf. *de partibus orationis partes orationis sunt octo, nomen pronomen uerbum participium aduerbium coniunctio praepositio interiectio; Latini articulum, Graeci interiectionem non adnumerant.*

<sup>8</sup> Cf. *interiectionem Graeci inter aduerbia posuerunt; Latini ideo separauerunt [...]*

---

uma parte da oração isolada. Nesse trecho, nota-se também a preocupação em abordar elementos linguísticos tipicamente latinos, cuja percepção em língua grega certamente seria divergente.

Sobre o número dual, Diomedes discorre duas vezes em sua gramática. A primeira aparece logo no início do primeiro livro, dentro da abordagem do número dos substantivos (*De numeris*). A segunda aparece mais adiante, na parte sobre “as pessoas dos verbos” (*De personis uerborum*), quando o autor trata sobre os verbos (*De uerbo*). Nesta última, o número dual (ausente no latim, que só possui os números singular e plural) é abordado com mais detalhe:

Além disso, o número, tanto singular, quanto plural, recai diretamente sobre os verbos. O dual, contudo, somente tinha valor em grego, estando ausente entre nós, do mesmo modo que também nos nomes. Com efeito, de nenhuma forma se pode encontrar na língua latina qualquer locução que expresse o número dual. Na verdade, recordando-nos da antiguidade romana, não quiseram empregar aquela novidade, o número dual, uso recebido pela posteridade.<sup>9</sup>

(DIOMEDES, I, 334)

Diferentemente do que escreveu Diomedes, no início da gramática, sobre o número dual, acima vemos o autor retomar o seu uso pelos antigos romanos, justificando que estes não o utilizaram. Supomos que haja, aqui, um projeto de retomar o passado para explicar a diferença entre as línguas, ou, até mesmo, como uma forma de torná-las, de alguma forma, semelhantes, ao postular, certamente, uma origem comum.

Finalmente, a última passagem que também ilustra a ideia de unificar as duas línguas aparece no segundo livro, no discurso sobre a noção de *littera*. O autor, após enumerar as letras do alfabeto latino, destaca as cinco vogais da língua:

[As vogais] são cinco em número (a, e, i, o, u), mas sete em valor, uma vez que se utiliza “e” em lugar dos “η”, “ε” e “ει” gregos. Pois o “e” é curto na escrita, mas longo na pronúncia em *conticuere* e *moenia*. Similarmente, emprega-se “o” em lugar dos “ο” e “ω” gregos, como em “*rapti Ganymedis honores*”.<sup>10</sup>

(DIOMEDES, II, 422)

---

<sup>9</sup> Cf. *numerus praeterea accidit uerbis prorsus uterque, singularis et pluralis. dualis enim apud Graecos dumtaxat ualet, a nobis excluditur, eodem modo quo et in nominibus. nequaquam enim reperiri potest Latino sermone ulla dictio quae dualem exprimat numerum. antiquitatis enim Romani memores dualem numerum posteritatis usu receptum quasi nouellum usurpare noluerunt.*

<sup>10</sup> Cf. *sunt autem numero quidem quinque, a e i o u, potestate autem septem, si quidem e pro η et pro ε [et pro ει] Graecis ponitur. namque e breuis est scriptura, pronuntiatione longa, ut conticuere [et moenia]. et o pro ο et ω Graecis similiter ponitur, ut «rapti Ganymedis honores».*

---

De acordo com Diomedes, as vogais latinas poderiam ser sete, caso considerássemos a duração das vogais “e” e “o” como vogais distintas entre si, assim como ocorre com as vogais gregas “η” e “ε”, e “o” e “ω”. Surge, então, o seguinte questionamento: se tomarmos como distintas as vogais latinas breves e longas, também seriam distintas as vogais “ī” e “ī̄”, “ū” e “ū̄”, e “ă” e “ā”, pois, em latim, todas elas possuem tal característica, de serem breves e longas. Pressupõe-se, logo, que Diomedes considera a existência de duas vogais distintas a mais em latim, apenas quando a duração das vogais latinas apresenta correspondência na língua grega (pois, no grego, só existem caracteres diferentes para as vogais mencionadas, embora, como em latim, todas sejam suscetíveis ao fenômeno da quantidade ou duração). Temos, portanto, novamente, uma abordagem que aproxima as duas línguas em suas semelhanças.

## 2.2 Code-switching

Da mesma forma que observamos um esforço do autor de assimilar as duas línguas, oferecendo explicações que as aproximam, e que, certamente, seriam úteis para um falante de grego interessado no aprendizado de latim, também poderíamos associar a mesma atitude às passagens que contêm sentenças, expressões e exemplos em língua grega inseridos no corpo do texto em latim. Muitos desses segmentos, inclusive, sequer são acompanhados por uma tradução em língua latina, sugerindo o pré-conhecimento do leitor sobre a língua grega, principalmente quando parece haver uma mudança deliberada de código, dentro de um mesmo contexto sintático. A essa alternância entre uma língua e outra designaremos como *code-switching*.

De acordo com Gumperz (*apud* HAMERS & BLANC, 2004, p. 258), embora haja ainda entre os estudiosos da área muita divergência em relação às definições dos fenômenos relacionados ao bilinguismo, o fenômeno de *code-switching* pode ser definido como “a justaposição de passagens de discurso pertencentes a dois sistemas (ou subsistemas) gramaticais diferentes, em um mesmo turno discursivo”. Em outras palavras, o *code-switching* se verifica quando o falante alterna entre um idioma e outro em seu turno de fala. No nosso caso, porém, cabe uma ressalva: por se tratar de uma análise textual, não lidamos com a fala em nosso *corpus*, mas apenas com a modalidade escrita das línguas grega e latina. Ainda assim, a definição de *code-switching* parece dar

---

conta de classificar algumas das passagens em grego presentes no texto latino, pois, em muitos casos, tal fenômeno ocorre naturalmente, sem prévio aviso ou tradução subsequente, não se tratando, tampouco, das citações e exemplificações das quais já tratamos.

Decidimos, ainda, excluir desta seção as ocorrências terminológicas, mais precisamente aquelas compostas por apenas um termo, pois, sob a definição de Hamers e Blanc (2004, p. 259), devemos distinguir *code-switching* do chamado *borrowing*, termo utilizado pelos autores para classificar os empréstimos linguísticos que uma língua realiza. Ou seja, a terminologia grega na gramática latina de Diomedes estaria mais próxima de um empréstimo do que propriamente da alternância de códigos (isto é, de idiomas) no mesmo texto.

Da mesma forma, as citações em grego não são consideradas como *code-switching*, mesmo quando não apresentam tradução em língua latina. Afinal, a citação é, na verdade, um discurso reportado que, embora em outro idioma, não se enquadra na noção de *alternância* de códigos em um mesmo turno de *fala*.

Devemos deixar claro que não é nosso propósito aprofundar na questão terminológica que envolve os estudos linguísticos contemporâneos sobre o bilinguismo. Portanto, cabe-nos, por último, apenas enquadrar qual tipo de *code-switching* se aproxima mais com o fenômeno encontrado na *ars Diomedis*.

Seguindo, novamente, o raciocínio dos teóricos citados neste trabalho, dos três tipos mencionados por eles, a maior parte das ocorrências de *code-switching* no texto gramatical de Diomedes aponta para a categoria de “*code-switching* intersentencial”, ou seja, quando “uma sentença está em uma língua, e a outra em uma língua diferente” (HAMERS & BLANC, 2004, p. 259). Outra categoria que também possui representatividade no *corpus* é chamada de “*code-switching* intrassentencial”, no caso de a alternância entre línguas ocorrer dentro do domínio da sentença (HAMERS & BLANC, 2004, p. 260).

As ocorrências em que evidenciamos clara alternância da língua latina para a língua grega na gramática são muito relevantes para a nossa análise, por causar a impressão de uma natural recepção, por parte do leitor, das sentenças em grego, a ponto de não perceber a mudança de línguas. Trazemos, portanto, algumas das passagens verificadas que podem corroborar nossa pressuposição. Quanto aos exemplos de *code-switching* intrassentencial, a maioria deles consideramos como exemplificação. Aqui, analisaremos as ocorrências de *code-switching* intersentencial, nas quais a alternância entre o grego e o latim é mais evidente.

---

No segundo livro, ao abordar o acento latino (*De accentibus*), Diomedes redige uma sentença grega ao final da explicação, como se pode notar em destaque na citação a seguir:

Pois, assim como não há palavras sem vogal, não as há sem acento. E o acento é, como alguns consideraram com razão, a alma da palavra, por assim dizer. “Acento” [*accentus*] deriva de *accinere* [“cantar junto a”], porque é como que o canto de cada sílaba. Em grego, chama-se *προσῳδία* [lit. “canto conjunto”], porque *προσάδεται ταῖς συλλαβαῖς* [“é cantado junto às sílabas”].<sup>11</sup>

(DIOMEDES, II, 430-431)

Os segmentos destacados correspondem, respectivamente, à palavra grega “*προσῳδία*” e à sentença “*προσάδεται ταῖς συλλαβαῖς*”. Diomedes se dirige ao leitor diretamente em grego, sem nenhum aviso prévio, e, aparentemente, de forma natural e deliberada. O mesmo acontece em diversas passagens, dentre as quais citaremos uma, em que o autor utiliza termos gregos, compostos de mais de uma palavra (expressões), para definir alguns conceitos, como vemos a seguir:

As sílabas, por outro lado, são ditas, em grego, *παρὰ τὸ συλλαμβάνειν τὰ γράμματα* (de “reunir as letras”); em latim, pode ser dito “união” ou “concepção”, pois concebem as letras e as unem.<sup>12</sup>

(DIOMEDES, II, 427)

Note, acima, como Diomedes utiliza uma definição em grego que está integrada na frase que se inicia em latim e termina em grego: o termo “sílaba”, é assim dito porque deriva da expressão grega “reunir as letras”, a explicação da origem grega está em grego e vincula-se à primeira parte da sentença por meio da preposição *παρὰ*, compondo o estranho sintagma latim-grego: *dicuntur παρὰ* (“são ditas de”), cuja compreensão requer o conhecimento da língua grega.

Apesar de o leitor entender o conceito também através do latim, o que se apresenta na língua latina não é, exatamente, uma tradução do termo grego. Outra observação importante se refere ao constante uso de termos gregos, conectados por preposições como *παρὰ* (“junto de”) e *ἀπὸ* (“de, a partir de”), fenômenos que podemos considerar como *code-switching*, já que os termos se

---

<sup>11</sup> Cf. *nam ut nulla uox sine uocali est, ita sine accentu nulla est; et est accentus, ut quidam recte putauerunt, uelut anima uocis. accentus est dictus ab accinendo, quod sit quasi quidam cuiusque syllabae cantus. apud Graecos quoque ideo προσῳδία dicitur, quia προσάδεται ταῖς συλλαβαῖς.*

<sup>12</sup> Cf. *syllabae autem dicuntur Graece παρὰ τὸ συλλαμβάνειν τὰ γράμματα; Latine conexiones uel conceptiones dici possunt, quod litteras concipiant atque conectant.*

---

apresentam como *minissentenças*, cujos sintagmas são declinados no caso regido pela preposição empregada.

Em outras passagens, por exemplo, o gramático também se utiliza do grego para definir conceitos literários. São muitos os usos do grego no Livro III, onde Diomedes fala sobre os gêneros literários e sobre o metro. Destacamos, portanto, apenas um deles, em que se nota o uso ostensivo do grego ao definir o gênero épico, alternando-se as línguas à medida que se alterna de conceitos dados pelos romanos ou gregos:

Diz-se épico aquele poema hexâmetro grego que compreende as coisas divinas, heroicas e humanas. Assim é definido pelos gregos: ἔπος ἐστὶν περιοχὴ θεῶν τε καὶ ἡρωϊκῶν καὶ ἀνθρωπίνων πραγμάτων (“épica é o que contém as ações dos deuses, dos heróis e dos humanos”).<sup>13</sup>

(DIOMEDES, III, 484)

Em alguns casos, o uso do grego é mais discreto. No entanto, como vemos nos trechos a seguir, Diomedes utiliza exemplos gregos e, curiosamente, os conecta por intermédio de recursos gramaticais como conjunções e advérbios de negação. Ou seja, em vez de apenas citar os nomes gregos e utilizar o latim para unir os termos e expressões, ele os une usando mecanismos gramaticais da própria língua grega, o que nos parece como se o autor realmente estivesse alternando entre os dois idiomas. Na citação abaixo, Diomedes utiliza o advérbio οὐχ (“não”), em contexto em que poderia ter usado o mesmo em latim:

Não há futuro [no infinitivo do verbo *possum*]: no presente, *posse* (“poder”); no pretérito, *potuisse* (“ter podido”). Os participios somente possuem presente, não há participio futuro: *hic, haec* e *hoc potens* (“este, esta e isto que pode”). Mas alguns dizem que nem mesmo há o participio presente [para este verbo], visto que *potens* seria um substantivo, ὁ δυνατός, (substantivo: “o que pode”) οὐχ (“e não”) ὁ δυνάμενος (participio: “o que pode, está podendo”).<sup>14</sup>

(DIOMEDES, I, 360)

O verbo *possum* (“poder”) é um dos verbos abordados na seção “verbos sem distinção de tempos” (*Verba temporibus confusa*, I, 358), sobre o qual o gramático diz não possuir, enquanto infinitivo, o tempo futuro, e, enquanto

---

<sup>13</sup> Cf. *epos dicitur Graece carmine hexametro diuinarum rerum et heroicarum humanarumque comprehensio; quod a Graecis ita definitum est, ἔπος ἐστὶν περιοχὴ θεῶν τε καὶ ἡρωϊκῶν καὶ ἀνθρωπίνων πραγμάτων.*

<sup>14</sup> Cf. *futuri non habet: instantis posse, praeteriti potuisse. participia instantis tantum; futuri non habet: instantis hic et haec et hoc potens. sed quidam dicunt participia ne instantis quidem temporis habere. nam potens nomen est, ὁ δυνατός, οὐχ ὁ δυνάμενος.*

---

particípio, possuir apenas o tempo presente. Ainda assim, ressalta o autor, o verbo *possum* nem sequer teria, na visão de alguns, um particípio presente, já que, nesse caso, seria um substantivo, e não um verbo.

Para ilustrar essa ideia, Diomedes recorre ao grego, no qual há clara distinção entre o substantivo do verbo “poder” e sua forma no particípio presente. O autor, então, menciona as formas gregas (com o artigo, inclusive) e as une pela conjunção grega οὐχ (“e não”), em vez de utilizar uma conjunção correspondente em latim (como *nec / neque*, por exemplo). Ou seja, parece que Diomedes, ao citar dois substantivos gregos acompanhados de seus respectivos artigos definidos, alterna, de fato, seu discurso para a língua grega, não se preocupando em se manter no latim, e conferindo à sentença em grego, talvez, mais fluidez e naturalidade.

O mesmo fenômeno pode ser observado no trecho a seguir, através do uso da conjunção καὶ (“e”):

A isto, por exemplo, os gregos dão o nome de ὑπερσυντελικόν (“mais-que-perfeito”), como se ὑπὲρ τὸν συντελοῦντα χρόνον (“concluídos além do tempo”), enquanto nós dizemos no pretérito ou no mais-que-perfeito. Mas, de fato, o tempo perfeito, em latim, vale pelo ἀορίστῳ καὶ παρακειμένῳ (“aoristo e perfeito”).<sup>15</sup>

(DIOMEDES, I, 336)

Acima, além do uso da preposição em grego καὶ (que poderia, sem alteração de sentido, ser substituída por conjunções latinas, como *et* e *atque*) para unir dois tempos verbais, Diomedes ainda acrescenta uma explicação em grego para o termo ὑπερσυντελικόν (“mais-que-perfeito”), para a qual não há tradução em latim.

Esses últimos exemplos desta seção transmitem, de certa forma, a dificuldade em classificar o uso do grego na gramática de latim enquanto fenômenos linguísticos bilíngues. Até mesmo se utilizarmos o mesmo embasamento teórico de autores contemporâneos que dão conta para examinar fenômenos de bilinguismo das línguas modernas, encontraríamos certa dificuldade em classificar como indícios de bilinguagem o uso de expressões latinas na língua portuguesa (como *in natura*, geralmente utilizada dentro de uma sentença, que poderia ser considerado simples incorporação ao léxico). No entanto, o que parece haver na gramática não é o uso de palavras de fato

---

<sup>15</sup> Cf. *id enim Graeci ὑπερσυντελικόν appellant, quasi ὑπὲρ τὸν συντελοῦντα χρόνον, quod nos praeteritum plusquamperfectum dicimus. at uero tempus perfectum apud nos pro ἀορίστῳ καὶ παρακειμένῳ ualet.*

---

integradas ao latim, provenientes do grego, o que poderia caracterizar um empréstimo, mas o uso de expressões e sentenças que não são comuns à língua latina, e estão presentes no contexto metalinguístico da gramática de Diomedes, sendo que muitas delas, são simplesmente expressões funcionais, como conjunções e preposições.

Sem o conhecimento de língua grega, tais recursos utilizados pelo autor seriam inválidos e não surtiriam o efeito didático que supomos na gramática, visto que, completando sintagmas e até mesmo sentenças, o conhecimento prévio das duas línguas parece ser necessário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, de forma ampla, oferecemos uma análise da gramática de Diomedes, sob um ponto de vista sociolinguístico, recortando-lhe ocorrências que ilustram os fenômenos do *utraque lingua* e do *code-switching*.

O primeiro fenômeno, caracterizado pela tentativa de aproximar as duas línguas, aparece em alguns momentos da obra, como quando Diomedes atenua a ausência de certos elementos linguísticos em uma das línguas, numa estratégia discursiva que minimiza diferenças tipológicas entre as duas línguas (como o fato de o latim não possuir artigos como determinantes).

A segunda noção foi verificada no texto em diversos momentos, tratam-se de ocorrências que representam a maioria das passagens em que Diomedes se dirige ao leitor em grego, embora se trate de uma gramática cuja metalinguagem é principalmente latina. Esses exemplos são aqueles que mais evidenciam uma presumida bilinguagem do público-alvo da gramática, o que, de certo modo, justificaria (e mesmo permitiria) o fato de que o gramático recorresse eventualmente a construções linguísticas gregas, tanto em meio ao discurso metalinguístico em latim, quanto ao exemplificar determinado assunto, e ao empregar termos gregos (muitos dos quais formados por mais de uma palavra e unidos por conjunções e preposições). Os dois tipos de fenômenos aqui apresentados representam análises translinguísticas (uma gramática latina que se utiliza de outra língua, no caso o grego, em suas formulações conceituais) que, de certo modo, podem ser reflexos de uma possível bilinguagem do leitor/destinatário dessa obra, um reflexo, em suma, de um contexto sociolinguístico que, na parte oriental do Império Romano, em meados do século IV, certamente era patente. Além disso, parece corroborar a

---

tese de Rochette (1998, p. 178), segundo a qual a convivência entre o grego e o latim no Império deu-se de forma pacífica e harmônica e não, necessariamente, como uma competição linguística.

Em suma, poderíamos ainda dizer que este artigo se inscreve como uma breve contribuição ao estudo das obras dos gramáticos antigos, em especial à gramática de Diomedes, cujo conteúdo ainda é fonte para pesquisas futuras. Seguramente, a *ars Diomedis* e seus três livros oferecem reflexões linguísticas que requerem um aprofundamento da análise, haja vista que ainda são escassos os estudos que se debruçam sobre essa obra no contexto brasileiro.

## REFERÊNCIAS

BARATIN, M. Sur la structure des grammaires antiques. In: DE CLERQ, Jan & DESMET, Piet (ed.) *Florilegiumhistoriographiae linguisticae – Études d’historiographie de linguistique et de grammaire comparée à la mémoire de Maurice Leroy*. Peeters: Louvain-la-Neuve, 1994.

BECCARI, A. J. *Uma tradução da Grammatica especulativa de Tomás de Erfurt para o português*. Tese de Doutorado. Curitiba: UFPR, 2013.

BIVILLE, F. *Bilinguisme gréco-latin et épigraphie*. Lyon: Maison de l’Orient et de la Méditerranée – Jean Pouilloux, 2004.

DESBORDES, F. *Idées grecques et romaines sur le langage – travaux d’histoire et d’épistémologie*. Lion: ENS Éditions, 2007.

DEZOTTI, L. C. *Arte menor e Arte maior de Donato: tradução, anotação e estudo introdutório*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

DIOMEDES. *Diomedis ars*. In: KEIL, H. (ed.). *Grammatici Latini*, I, 299-529. Leipzig: Teubner, 1855-1880 [repub. Hildesheim: Olms, 1981].

FORTES, F. S. *Sintaxe Greco-romana: Prisciano de Cesareia e Apolônio Díscolo na história do pensamento gramatical antigo*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2012.

FORTES, F. S. Comparações e contrastes entre o grego e o latim como estratégia explicativa do *De Constructione*, de Prisciano (Séc. VI d.C.). *Classica*, v. 27, n. 2, p. 31-51, Rio de Janeiro, 2014.

FREITAS, F. *O pensamento gramatical de Santo Agostinho*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

HAMERS, J. F.; BLANC, M. H. A. *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

LAW, V. *The History of Linguistics in Europe from Plato to 1600*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

---

MACRÓBIO. *De differentiis et societibus Graeci Latiniq̄ uerbi*. In: KEIL, Heinrich [ed.]. *Grammatici Latini*, V, 599-629. Leipzig: Teubner, 1855-1880 [repub. Hildesheim: Olms, 1981].

PEREIRA, M. A. *Quintiliano Gramático: o papel do mestre de gramática na Institutio oratoria*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

ROCHA, E. L. F. *A ars grammatica de Diomedes: reflexos do bilinguismo greco-latino*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

ROCHETTE, B. Le bilinguisme gréco-latin et la question des langues dans le monde gréco-romain. *Revue belge de philologie et d'histoire*, Bruxelas, v. 76, n. 1, p. 177-196, 1998.

ROCHETTE, B. Greek and Latin Bilingualism. In: BAKKER, E. J. *A Companion to the Ancient Greek Language*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

ROCHETTE, B. *Vtriusque sermonis cognatio*. La lexicographie bilingue à la fin de l'Antiquité. In: MARTORELLI, L. (org.) *Grego antico nell'Occidente carolíngio*. Frammenti di testi attici nell'Ars di Prisciano. Zürich: Olms, 2014, p. 3-33).

SALGADO, A. C. P. Medidas de bilinguidade: uma proposta. In: SAVEDRA, M. M. G. S.; SALGADO, A. C. P. *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição nos estudos sobre línguas em/de contato*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

SAVEDRA, M. M. G. S. Bilinguismo e bilinguidade: uma nova proposta conceitual. In: SAVEDRA, M. M. G. S.; SALGADO, A. C. P. *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição nos estudos sobre línguas em/de contato*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

SHENKENVELD, D. M. Charisius and Diomedes. Writing a grammar for Greeks. In: BASSET, L. *et. al. Bilinguisme et terminologie grammaticale Gréco-Latine*. Orbis/Supplementa. Paris: Peeters, 2007, pp. 181-189.

SWIGGERS, P. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Revista Confluência*, n. 44-45, p. 39-59, 2013.

YANES, E. S. Greco e Latino a confronto: soluzioni per la presentazione del materiale linguístico nel lessico di Prisciano. In: MARTORELLI, L. (org.) *Grego antico nell'Occidente carolíngio*. Frammenti di testi attici nell'Ars di Prisciano. Zürich: Olms, 2014, p. 115-145.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 15 de julho de 2016.

Aprovado em sistema duplo cego em: 05 de setembro de 2016.